

VITOR NOVATO

VIDA DE Z

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Colegiado de Graduação em  
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Artes.

Habilitação: Desenho

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Pacelli da Silva  
Horta

BELO HORIZONTE  
2018

“Z pode ser qualquer um,  
é todo mundo e não é ninguém!”  
(Vitor Novato)

Faço esse texto não como uma conclusão de trabalho final, uma vez que se inicia uma nova produção, escrevo como uma carta informal, um documento de apresentação, não apenas para você que está lendo, mas também para mim como forma de organizar meus pensamentos.

Não sei ao certo quando essa busca imagética começou, talvez não haja um ponto inicial, isso sempre esteve dentro de mim, sempre esteve ao nosso redor, antes de eu ou você existirmos, até mesmo todas as pessoas ao redor, conhecidas ou não. Mesmo antes de qualquer um de nós colocarmos nossas pequenas cabeças para fora e tragam o primeiro e violento golpe de ar, antes mesmo de desenvolvermos nossas capacidades de pensar, agir e a mais importante de nossas habilidades: compreender.

Não tenho caminhada suficiente para entender qualquer coisa, sendo assim, feito animal que sou, senti na pele as dores dos atos cotidianos, o hábito de engolir qualquer coisa às pressas para enganar a fome no meio da correria cotidiana, a não mais diferenciar a luz do sol da claridade das lâmpadas, perdendo o tempo com toda a pressão de quem quer engolir o mundo sabendo que ainda faltam muitas coisas a serem feitas, e que por isso não poderia mais perder tempo. “Eu sei, mas não devia”, assim compreendi que a arte copia a vida, seja a sua, a minha ou a de qualquer alma, que entre nós, já não transita.

Aos dezenove anos ingressei na Escola de Belas Artes, cheio de energia, respirando ares novos e com brilho nos olhos de um jovem que poderia entender o que Sabotage cantava como águas passadas. No entanto vício não para, muda! Com a narina limpa mas os pulmões entupidos de fuligem, fui abandonando pouco a pouco meu corpo, habituava-me a não mais comer pelas manhãs, bebendo muito café para despertar e tragando para pensar, aos poucos tragava antes e depois de qualquer coisa, fumava durante meus afazeres e já não podia fazer muitas coisas.

Agora, procrastinar sempre foi um ponto forte, adiei a vida toda o que podia adiar, e quando não mais podia, me dedicava com afinco a outras coisas que pudessem justificar as minhas falhas, com esse pensamento de menino mimado,

Eu sei, mas não devia  
Poesia - Marina Colasanti

Cocaína - Música - Sabotage

mas culpado por ser, sempre me obriguei a trabalhar muito, a experimentar muito, a vivenciar muito e tentar muito além do que na verdade era capaz.

Hoje em dia descubro que nunca fui capaz de nada, não vivi o bastante para muitas coisas, não experimentei nada do que ainda posso experimentar, iludi-me comigo e só engatinei sobre meus próprios cacos de vidro, rolei sobre os cravos forjados na minha mente podre. Na minha vida pobre de vida, percebo-me como um saco inflado de raiva, cujo motivo não tem nome, rosto ou forma e quando sóbrio está contido, feito gás que ocupa a forma do recipiente, quando embriagado toma conta de todo meu espaço. Flagelava-me e também aqueles que me cercavam, libertava-me e transformava em cacos tudo que alcançava, quebrei madeira, vidro, ferro, trabalhos, sonhos, amizades e oportunidades.

Sempre pensei que os “engomadinhos” donos de seu lugares ao sol poderiam explicar algo que justificasse qualquer contexto político-social para tudo que fazia, os autorretratados habitantes das grades de ferro, poderiam me mostrar uma realidade que me faltava. Faísca da minha produção, aqueles encurralados do lado de dentro de Alphaville, talvez poderiam eles iluminar as ideias enquanto eu caminhava sobre o solo quente, em meio a algazarra do baixo centro, no “corre” dos pedintes e dos viciados, observando curioso ao redor.

Conectava relatos de Lima encarcerado aos relatos de amigos próximos que por vias distintas haviam feito uma trajetória similar, mais medroso do que aqueles que se cercam de muros, concertinas e câmeras dentro de suas casas, eu ficava de olhos estatelados esperando o dia em que o Alienista me apresentaria ao Bicho de Sete Cabeças, onde a minha fúria de Bronson emudeceria em nome da razão. Criei monstros de concreto, pedras e piche, banhei meus dedos em sopas de ácido e chapas de ferro, entalhei madeira, risquei papéis, passei grossas demãos de tinta sobre telas e inalei litros de tiner com a certeza do artista que cria sua obra prima, mas ao fim não havia feito mais que um esboço de pé fugindo de uma forma disforme numa composição descomposta de cores.

Entendi que tudo isso não passava de um mal estar social que pairava entre os habitantes pensamentos do condomínio de minha cabeça, e que na verdade só fazia sinapses de correlação entre próximos, levando de um lado para o outro informações que destoavam a busca de pontos em comum, arquitetando pontes a fim de ligar pensamentos paralelos, Criei um imenso organograma de vivências banais. Na verdade me afogava em pilhas de folhas bem organizadas de

Um lugar ao sol  
Documentário - Gabriel Mascaro

O prisioneiro da grade de ferro  
Documentário - Paulo Sacramento

Alphaville, do lado de dentro do muro  
Documentário - Luiza Campos

Giria para indicar atividade, afazeres ou busca por substâncias ilícitas

Diário do Hospício  
Diário de internação 1919-1920 - Lima Barreto

O Alienista  
Romance - Machado de Assis

O bicho de sete cabeças  
Filme - Laís Bodanzky

Bronson  
Filme ação - Nicolas Windig Refn

Em Nome da razão  
Documentário - Helvécio Ratton

Mal estar, sofrimento e sintoma  
Livro de pesquisa social- Christian Ingolenz Dunker

balões escritos lindamente diagramados e interconectados com finas linhas de divagações incertas. Matrizes de citações e fichamentos de tudo o que lia assistia, escutava e via, com a esperança cega de que essas muletas pudessem sustentar o pesado fardo da vida que escolhi.

Não verás país nenhum, livro que li antes de ingressar na academia, que até hoje nunca mais abri, nunca fez tanto sentido como agora, seis anos depois do meu primeiro e único contato com o biólogo de formação e escritor por vocação, Ignácio de Loyola Brandão, uma história que sempre se manteve viva em minha cabeça, sem nunca ter tomado nota de uma linha que seja, se mantivera atual mesmo sendo concebida em outra época e que é real, mesmo sendo ficção. Depois de sobreviver às bolhas de calor, questionar minhas doenças com a veemência de quem aceita passivo as lástimas contemporâneas, após todos esses anos nutrindo-me quase que exclusivamente de comida fictícia, aguentando as intempéries ocasionadas por um mundo controlado e modificado pela ambição humana, chego à encruzilhada final do meu percurso, do lado de fora dos grandes muros, apertado no meio da multidão de desesperados, abaixo e pego no chão o moto-contínuo de todo trabalho de conclusão de curso. E parafraseio Brandão de consciência limpa: Não verás TCC nenhum!

Vida de Z não é conclusão, não é fim de nada, pelo contrário, me liberto das formas e técnicas para criar livremente, me dissocio das formatações que durante todo o curso me foram convenientes, inicio uma nova jornada, abro uma nova porta para a vida, e me preparam para experimentar o gosto da realidade, onde não serei mais o que sou agora, onde a experiência do “Zé das Couves” tenha mais peso que as minhas, deixarei a universidade para adentrar o universo da realidade, desmaterializo a vida de sem luz para me iluminar na escuridão da um Z, tal qual todo Z é, em meio a todos os Z, porque Z pode ser qualquer um, é todo mundo e não é ninguém!

(Um novato qualquer)

---

Não verás país nenhum  
Romance - Ignácio de Loyola  
Brandão





































































































